



O que tenho a ver com isso? Sociodrama do papel de espectador

Ana Luísa Silva Iunes¹

Maria Inês Gandolfo Conceição²

Carlos Eduardo Souza Lima³

RESUMO

Nas últimas décadas, o campo científico tem produzido um volume crescente de estudos voltados à análise das múltiplas formas de violência, ampliando sua conceituação e visibilidade social. Esse acúmulo teórico tem permitido examinar de modo mais sistemático os processos violentos implicados na organização da vida cultural. Apesar disso, sabemos que ainda estamos longe de transformar a maneira violenta de nos relacionar. As formas de violência no cotidiano não se restringem à violência física ou explícita. Pesquisas mostram que comportamentos rotineiros, como bullying em contextos educacionais e assédio moral no trabalho, podem ser caracterizados como formas de violência simbólica e microviolência, frequentemente trançados em práticas e normas culturais aceitas ou pouco questionadas (Cavalcante et al., 2024; Heloan & Macedo, 2014). Estudos internacionais ampliam essa compreensão ao incluir microagressões, discriminação cotidiana e incivilidades, que, embora sutis, produzem efeitos negativos consistentes sobre bem-estar e relações sociais (Smith & Griffiths, 2022). A microviolência se manifesta rotineiramente na vida das pessoas, muitas vezes disfarçada, trançada em comportamentos culturalmente aceitos e até exaltados. Ainda que naturalizada, cria impacto na vida de cada pessoa e, em algum nível, produz sentimentos de insegurança. Trata-se de algo que atravessa o cotidiano e todas as pessoas são afetadas. Na cena da violência, podemos ocupar o lugar de quem a perpetra, de quem sofre ou o lugar de quem a observa. Na

¹ Psicodramatista Didata Supervisora (ABP), analuisaiunes@gmail.com.

² Psicodramatista Didata Supervisora (ABP), inesgandolfo@gmail.com.

³ Psicodramatista Didata (ABP), carloksesly.psi@gmail.com



maioria das vezes, as pessoas se encontram no lugar do espectador. A teoria do espectador é o resultado da pesquisa desenvolvida por Darley e Latané (1968). Os pesquisadores investigaram o comportamento de reação das testemunhas frente a uma situação de emergência. Eles desenvolveram uma série de pesquisas para compreender os pormenores da reação de ajudar e chegaram a cinco etapas da tomada de decisão sucessivas e interdependentes. A primeira consiste em perceber o evento; em contextos ambíguos ou de distração, o fato pode sequer ser notado. A segunda etapa é interpretar o evento como uma situação de emergência; aqui, a influência social é decisiva, pois a reação dos demais gera efeito direto nas pessoas. A terceira etapa envolve assumir responsabilidade pessoal pela ação, momento em que, na presença de outras pessoas, pode ocorrer a difusão de responsabilidade. A quarta etapa refere-se a saber como ajudar, isto é, possuir repertório comportamental ou competência percebida para intervir. Por fim, a quinta etapa implica decidir agir e implementar a ajuda, considerando custos, riscos e possíveis consequências da intervenção. A falha em qualquer uma dessas etapas pode interromper o processo e resultar na não intervenção. Pesquisas recentes demonstraram que é possível aumentar a autoeficácia do espectador e a probabilidade de comportamento pró-social, evidenciando que as etapas do processo decisório identificadas por Darley e Latané podem ser influenciadas por treinamento e sensibilização (Mennicke et al., 2024; McMahon et al., 2025). Diante disso, nos perguntamos se esse papel pode atuar de forma a diminuir a sensação de insegurança e interromper o ciclo da violência de alguma forma. Esta proposta apresenta um sociodrama público temático que investiga o papel do espectador e suas possibilidades de ação. O *role-playing* desse papel tem o potencial de eliminar barreiras que fazem com que as pessoas não ajam frente a situações de violência. Experimentar as possibilidades de ação e construir maneiras de agir protegidas, que não nos coloquem em risco, mas de alguma forma possa interromper o ciclo. A etapa de aquecimento consiste na apresentação de três vídeos curtos com situações de violência. Os participantes escolhem um deles, e assistimos novamente. Juntos começam a pensar em maneiras de lidar com a situação apresentada. O aquecimento específico convida cada participante a recordar uma situação em que presenciou violência: quem era a vítima, que tipo de discriminação estava em jogo, o que estava acontecendo, como se sentiu. Em subgrupos, compartilham suas cenas. A partir daí, cada subgrupo elege ou constrói juntos uma cena para ser levada ao grande grupo. Segue-se uma intervenção psicodramática com técnicas próprias do método, para intervenção e ampliação da cena, como duplos, solilóquios,

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



espelhos, interpolações de resistência, inversões de papéis (Nery, 2010), com intuito de explorar motivos, desdobramentos e possíveis desfechos, bem como o que levou à ação ou à não ação. Em cena aberta, investigam-se as conservas paralisantes e as possibilidades criativas do papel do espectador. Ao final, realizaremos um levantamento dos elementos facilitadores e das barreiras relacionadas a esse papel e seus limites de atuação. No psicodrama, deixamos acontecer para depois compreender o que aconteceu. É nessa lógica que investigamos, coletivamente, o que cada um tem a ver com isso e o que podemos fazer a partir daí.

Palavras-chave: Teoria do Espectador, Microviolência, *Role-playing*.

Referências:

Cavalcante, E. C. de O., Silva, L. B. da, Ferreira, S. M. S., & Íñiguez-Rueda, L. (2024). Violência simbólica: a visão sobre gênero e identidade sexual em um Instituto Federal de Educação. *Debates em Educação*, 16(38),1-25. <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe15195>

Darley, J. M., & Latané, B. (1968). Bystander intervention in emergencies: Diffusion of responsibility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 8(4, Pt. 1), 377–383. <https://doi.org/10.1037/h0025589>

Heloan, R., & Macedo, K. B. (2014). Assédio moral: uma nova forma de violência nas organizações. *Revista Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, 23(3), 307-318. <https://doi.org/10.18224/frag.v23i3.2952>

McMahon, S., Power, M., Snyder, S. et al. Centering Intersectionality in Bystander Intervention: Advancing Inclusive and Equitable Prevention Strategies. 40, 1459–1466 (2025). <https://doi.org/10.1007/s10896-025-00935-9>

Mennicke, A., Anderson, D., Kennedy, S. C., & Clark, C. J. (2024). Effectiveness of a bystander intervention program to increase bystander behaviors across latent risk groups of high schoolers. *Journal of Interpersonal Violence*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/08862605231194637>

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



Nery, M. P. (2010). *Grupo e intervenção em conflitos*. Ágora

Smith, I. A., & Griffiths, A. (2022). Microaggressions, everyday discrimination, workplace incivilities, and other subtle slights at work: A meta-synthesis. *Human Resource Development International*, 21(3), XX-XX. <https://doi.org/10.1177/15344843221098756>

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026